

OS MOLEQUES DE NÁPOLES

Outubro, 1944.

Um quilo de pão custa 130 liras, e isso quer dizer 26 cruzeiros; o quilo de carne custa de 300 a 350 liras, o litro de azeite 380 liras, o quilo de macarrão 250 liras. O povo de Nápoles mora mal, veste-se mal, come pouco — e sua liberdade está cheia de restrições.

Certamente quando vier o inverno será muito pior. Um rapazozola que trabalha para o Banco do Brasil ganha 100 liras por dia, mas não quis vender por 4.000 liras a botina retuna que um funcionário da sub-burgêcia lhe deu. Não quer andar descalço, e não poderia comprar outro par. O mercado negro funciona por toda a parte: tem-se às vezes a impressão cômica e trágica de que cada pessoa procura comprar escondido uma coisa por 20 liras para revender por 40 liras a outra pessoa, que a revenderá por 70 liras a outra, que a revenderá a outro revendedor — e assim por diante, até aparecer, não sei em que altura da escala, um cidadão que resolve consumir o artigo, graças ao dinheiro que arranjou ninguém sabe onde, talvez à custa de outros negócios desse gênero.

Inflação, miséria, produção desorganizada. Entretanto, não se vê a fome, a fome absoluta como dizem lá na Grécia e em outros lugares. Os alimentos são caros e poucos; mas há. Há homens trabalhando a terra, e os estrangeiros que ocupam a cidade não são mais os nazistas que pilhavam todo mundo, que roubavam o porco e a vaca do campo-nê. Os aliados evitam que seus soldados comam o alimento do povo pobre. Com minha facda de oficial eu pude entrar em um bar e beber: mas quando pedi um sanduíche, me avisaram que a comida é reservada aos civis. São raros os restaurantes em que um oficial estrangeiro pode comer, raros e caros. Na própria cidade, os oficiais aliados têm lugares certos onde podem comer a preço baixo comida fornecida pelos seus países.

Todos os carros que os alemães não carregaram ao se retirarem

estão requisitados pelas autoridades aliadas. Os bondes e o subterrâneo funcionam em algumas linhas, a horas certas, pela manhã e à tarde. Uma grande parte da população anda diariamente quilômetros a pé, entre a casa e o trabalho.

Os scugnizzi

Os scugnizzi são os moleques de Nápoles. Belos moleques esfarrapados que andam por toda parte, são vorazes por cigarro, dormem em algum buraco e comem vagamente o que aparece. *Os scugnizzi* não são, digamos assim, *peritos gentilemen*, e é impossível saber até que ponto sua moral privada é rígida.

Mas os *scugnizzi* são os donos de Nápoles. E são donos por direito de conquista: foram eles que conquistaram Nápoles. Quando os americanos entraram na cidade, não havia mais um só fascista a resistir. Isso é uma bela e grande história, e um dia certamente será melhor contada.

Mussolini caiu em 25 de julho de 1943. Em 8 de setembro foi assinado o armistício. Em 26 de setembro os americanos bombardeavam Nápoles, e suas tropas avançadas estavam em Palma Campana, a cerca de 30 quilômetros.

Antes os alemães tratavam os italianos como aliados: agora agiam como senhores. A rapina foi organizada: rapina não somente de carros e alimentos como também de gente: rapazes e moças que deviam seguir para o norte, para lutar ou trabalhar para os nazistas. Quando o povo soube que os americanos estavam se aproximando, os filhos se ergueram.

Foram os *scugnizzi* que começaram a luta. Um alemão, não se sabe por quê, matou um italiano no Vomero. Um *scugnizzo* andou pelos telhados, espionou o alemão assassino e o derrubou com um tiro de pistola. Onde ele arranjou a pistola ninguém sabe.

Dias antes os alemães tinham recolhido todas as armas de civis e militares italianos.

Muita gente, porém, não entregou as armas, ou não entregou todas as que tinha.

Havia armas em esconderijos, e os *scugnizzi* são técnicos em esconderijos.

Se um alemão tinha sido morto, 20 italianos deviam pagar. Vinte homens foram agarrados nas vizinhanças para serem fuzilados no mesmo local em que tombara o alemão. Era o terror nazista, capaz de assustar os mais bravos. Mas à tarde, à hora do fuzilamento, havia no lugar, além dos alemães e dos 20 prisioneiros, uma chusma dos piores e mais esfarrapados *scugnizzi* de Nápoles. E essa molecada começou a gritar, e a protestar — e a interferir. Um deles lançou contra os na-

zistas alguma coisa que poderia ser uma pedra, mas era exatamente uma granada de mão. Isso foi na tarde de 27 de setembro de 1943. Ralos e pardais humanos, os *scugnizzi* se postaram em cada canto da cidade em que podia passar um alguém. Atacados, fugiam pelos becos, metiam-se pelos buracos, sumiam pelos telhados e apareciam em alguma outra parte para matar outro alemão e despojar imediatamente o cadáver de suas armas. A reação alemã foi terrível, e a noite inteira as metralhadoras cacarejaram na escuridão. Os fascistas ficaram ao lado dos nazistas, mas a revolta no seio do povo se propagou. O heroísmo dos *scugnizzi* arrebatou homens e mulheres. Por toda parte se ergueram barricadas, todas as armas foram descenterradas, e na cidade que os americanos bombardeavam, o povo lutava contra seus dominadores.

A luta durou quatro dias. Oficiais do Exército que odiavam o fascismo organizaram os planos de ataque, orientando operários, *scugnizzi* e todo o povo revoltado.

No dia 30 de setembro, os últimos alemães e fascistas sumiram pelas estradas acosados pelos *scugnizzi*, que os perseguiram ou se postaram em locais. Muitos nazistas esbarraram com barricadas que não puderam transpor: e quando as arremetiam, o fogo vinha não só da frente mas de trás e dos lados, de todas as portas e janelas.

Os americanos entraram na cidade no dia 1º de outubro. A cidade estava muito danificada, mas não tanto quanto os nazistas gostariam de tê-la deixado. Os pelotões de destruição não tiveram tempo para fazer bem o seu trabalho: os *scugnizzi*, com a sua audácia, defenderam o patrimônio comum. E aqui estão eles, esses belos moleques esfarrapados. Aqui estão por toda parte, livres como os ratos e os pardais. Essa liberdade, eles a merecem: eles a conquistaram com seu sangue.

Os italianos sabem que devem sua libertação às armas aliadas. Mas perguntam a qualquer homem do povo, em Nápoles, quem expulsou os nazistas da cidade, e ele, apontando para alguns moleques, e sorrindo, dirá com verdadeiro orgulho:

— *Gli scugnizzi!*

BRAGA, Rulskov. "Gênios da guerra"

na Itália. Rio de Janeiro: Record, 1945,

3ª edição, 1967 31 - 33